

UITA DIVERSIDAD



Últimas Edições

10.06.2005

Casamento moderno à brasileira

Menos uniões formais e mais mistura de origens e religiões. Já para as mulheres das grandes cidades, vida de solteira. Pesquisa mostra a diversidade dentro de casa - e o que querem as mulheres independentes.

O casamento já não é mais o mesmo. Uma pesquisa da [Fundação Getúlio Vargas \(FGV\)](#) revelou que o número de casamentos informais - sem papéis assinados ou cerimônia religiosa - aumentou no Brasil.

A solidão e os divórcios cresceram nas grandes cidades. Hoje, São Paulo é a capital com o maior número de casais separados. E uma novidade: o número de casamentos entre pessoas de raças e religiões diferentes é cada vez maior.

"Eu sou filho de pai muçulmano, mãe judia, casei com a Kátia Inawashiro, que é de origem japonesa. Seu pai nasceu no Japão. Ela é de religião budista, mas, pelo fato de morarem no Brasil, eles seguem uma parte da religião católica", declara Shérine Shaaban, empresário.

A mistura de culturas e religiões está em cada objeto da casa de Shérine e Kátia. É uma salada de costumes que começou a ser preparada quando eles cursavam uma faculdade de História. Já são 11 anos de casamento, compartilhado até no trabalho. Eles fabricam quipá, o chapeuzinho judaico. O filho Amir, que estuda numa escola coreana, amplia ainda mais a variedade cultural da casa. Ele já aprendeu a dar "bom dia" na língua oriental.

A diversidade no casamento aumentou nos últimos 30 anos, segundo a Fundação Getúlio Vargas: são mais comuns casais de religiões e níveis educacionais diferentes. No ano 2000, 29% dos casamentos no Brasil foram inter-raciais.

Religiões diferentes:

1970: 6%
2000: 11%

Nível educacional diferente:

1970: 45%
2000: 51%

"Eu comemoro o Natal, mas a gente também comemora as festas judaicas. Eu tiver que aprender a cozinhar comidas judaicas e comidas árabes", comenta Kátia Inawashiro, comerciante.

A vida conjugal também sofre influência direta da economia. Os pesquisadores concluíram que, em períodos de maior crescimento econômico, como no início dos planos Cruzado e Real, o número de casamentos oficiais disparou. Já em anos de recessão ou de muita volatilidade, são os divórcios que aumentam. Eles acontecem principalmente quando a mulher passa a ganhar mais do que o homem. O estado de São Paulo concentra as cidades com maior número de mulheres divorciadas.

"São mulheres que estão melhor na escala de renda. Elas tendem a ficar mais sozinhas. Geralmente, elas são mulheres de grandes cidades. Ela abriu o espaço no mercado de trabalho e, hoje em dia, ela tem a opção de ela quer estar acompanhada ou se ela quer estar sozinha", explica Marcelo Neri, economista da FGV-RJ.

Foi em busca de realização profissional que Mirian Lagonegro, gerente de negócios, pediu o divórcio, depois de oito anos de casamento com uma situação financeira muito tranquila. Foi um choque para marido.

"Ele me dizia: 'Vai ao shopping, faz umas compras, que tudo isso vai passar'. Eu, realmente, ia ao shopping, fazia as compras, mas isso não passava. Eu buscava algo mais que não estava naquela disponibilidade material que eu tinha", comenta Mirian.

Depois do divórcio, a gerente de negócios chegou a passar fome. Hoje é gerente de negócios de uma locadora de carros, vive com os dois filhos e namora firme há 10 anos.

"Antes, os casamentos eram assim: a união de duas metades. Hoje, é a aproximação de dois inteiros. Essa é a diferença", constata Mirian Lagonegro.

A pesquisa mostra algumas curiosidades regionais: por causa da migração, que levou muitos homens ao estado, Mato Grosso tem o maior número de mulheres casadas. Já em Minas Gerais há mais viúvas e solteiras. Brasília e o Rio de Janeiro são as capitais com maior número de solteiros.



ÚLTIMAS EDIÇÕES

JUNHO 2005						
D	S	T	Q	Q	S	S
			01	02	03	04
05	06	07	08	09	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

Hoje: Sexta-feira, 10 de Junho

MAIS NOTÍCIAS

Programa exibido em
10.06.2005

Impasse na CPI

Contribuição polêmica

Fim do nepotismo

EDIÇÃO COMPLETA